

Relatório das Nações Unidas registra 47 mil ocorrências no ano passado, com base nos dados de 122 países, entre os 193 que integram a ONU. No Brasil, governo aponta queda de 5,9% entre janeiro e outubro de 2026

Cinco mulheres assassinadas por hora

Ao longo do ano passado, a cada hora, cinco mulheres foram assassinadas por parentes em todo o mundo, número que permanece inalterado na comparação com os anos anteriores, segundo um relatório publicado ontem pelas Nações Unidas. No total, em 2026, foram registrados mais de 47 mil feminicídios. O número de mulheres e meninas assassinadas por um parceiro íntimo ou por um integrante da família oscilou entre 45 mil e 51 mil, nos últimos anos, segundo estimativas da agência especializada ONU Mulheres e do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC).

Das 78 mil mulheres e meninas vítimas de homicídio doloso, no ano passado, quase 60% foram assassinadas por um parceiro íntimo ou por um membro da família, aponta o relatório, publicado na véspera do Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, respeitado hoje. As mais de 47 mil vítimas representam 129 mulheres e meninas assassinadas por dia. O número foi calculado com base na análise de estatísticas de 122 países e territórios — dos 193 países-membros da ONU.

Embora as mulheres tenham representado 19% das vítimas de homicídio em todo o mundo, em 2025, 60% delas foram assassinadas no âmbito privado. Em relação às vítimas do sexo masculino, apenas 11% foram mortas em circunstâncias semelhantes. A ONU ressaltou "a urgência de garantir que a prevenção da violência doméstica aborde as relações íntimas, assim como as relações em estruturas familiares mais amplas".

Nenhuma região é completamente segura, mas a África voltou a registrar o maior número de mulheres e meninas assassinadas por parceiros íntimos ou membros da família, com 22,1 mil. Em seguida aparece a Ásia, com 15,1 mil vítimas, à frente das Américas (7,4 mil), da Europa (2,1 mil) e da Oceania, com 300. O relatório também destacou que, embora as taxas de homicídio tenham diminuído em todo o planeta, as taxas de feminicídio caíram de maneira mais lenta, especialmente nas Américas e na Europa.

Isso sugere, segundo a ONU, "que esses crimes estão profundamente enraizados nas normas sociais e nos estereótipos de gênero". A organização acrescenta que a situação também reflete a existência de obstáculos para acessar o sistema de justiça. O feminicídio se refere ao assassinato de mulheres e meninas por razões de gênero. Além dos homicídios cometidos por parceiros íntimos ou familiares, o termo também pode incluir assassinatos vinculados ao crime organizado, ao trabalho forçado ou ao tráfico de pessoas.



47 MIL
Total de assassinatos de mulheres por parceiro íntimo ou membro da família, em 2025, segundo a ONU

5,9%
Índice de redução dos feminicídios no Brasil entre janeiro e outubro de 2026, segundo o Ministério da Justiça

Os dados sobre feminicídios cometidos fora do âmbito privado, no entanto, continuam muito limitados, aponta o relatório. Isso impossibilita medir a dimensão do fenômeno em nível regional ou mundial.

Queda no Brasil

O Brasil registrou uma redução de 5,9% nos feminicídios entre janeiro e outubro de 2026, na comparação com o mesmo período do ano passado, de acordo com levantamento do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP). Foram 1.199 vítimas, contra 1.274 em 2025, uma diferença de 75 mortes. Somente em outubro, a queda chegou a 16,3%, de 141 para 118 vítimas.

O relatório identificou que a redução dos feminicídios foi quase seis vezes maior nos municípios que registraram ações da Operação Mulher Segura. Entre junho e outubro de 2026, a queda chegou a 19,5% nas cidades alcançadas pela iniciativa, contra 3,4% nos municípios sem ações registradas, sempre na comparação com o mesmo período de 2025.

Nas 1.329 cidades com ações da operação, o número de vítimas passou de 307 para 247, uma redução de 60 mortes. Já nos 4.234 municípios sem ações registradas, os feminicídios passaram de 326 para 315. A análise considerou as ocorrências registradas em 5.563 municípios brasileiros.

A redução foi ainda mais expressiva nos municípios que realizaram acompanhamento de medidas protetivas de urgência (MPU), sem registro de prisões. Nesse grupo, formado por 65 cidades, os feminicídios diminuíram 57,1%, passando de 14 para seis vítimas. Nos 719 municípios com prisões, sem acompanhamento de MPU, a redução foi de 23%.

"Estamos conseguindo reduzir os feminicídios no país, e essa queda é ainda mais acentuada nos municípios onde a Operação Mulher Segura esteve presente", avalia o secretário nacional de Segurança Pública, Chico Lucas. "Ainda temos muito a avançar, porque nenhuma morte de mulher pode ser tratada como aceitável, mas os resultados mostram a importância do trabalho integrado entre o governo federal e os estados."

COLÔMBIA

Atentados nos 10 anos da paz

O presidente Abelardo de la Espriella, de extrema-direita, apontou dissidentes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) como responsáveis por um atentado com carro-bomba que causou estragos na sede do governo de Villavicencio, capital do departamento (estado) de Meta, a leste de Bogotá. O atentado coincidiu com o aniversário de 10 anos do histórico acordo de paz entre o Estado colombiano e a principal guerrilha de esquerda, que irrompeu em 1964 de uma frente rural do Partido Comunista.

O presidente chegou à cidade após a explosão, na noite de segunda-feira, que deixou 25 feridos e causou graves danos à sede do governo regional e seus arredores. "O bandido Antonio Medina, das dissidências, é o culpado, e vamos atrás dele", prometeu De la Espriella. "Vamos fazê-lo pagar com sangue." Antonio Medina é o nome de guerra do comandante de um grupo das Farc que rejeitou o acordo, liderado por Iván Mordisco, o insurgente mais procurado da Colômbia.

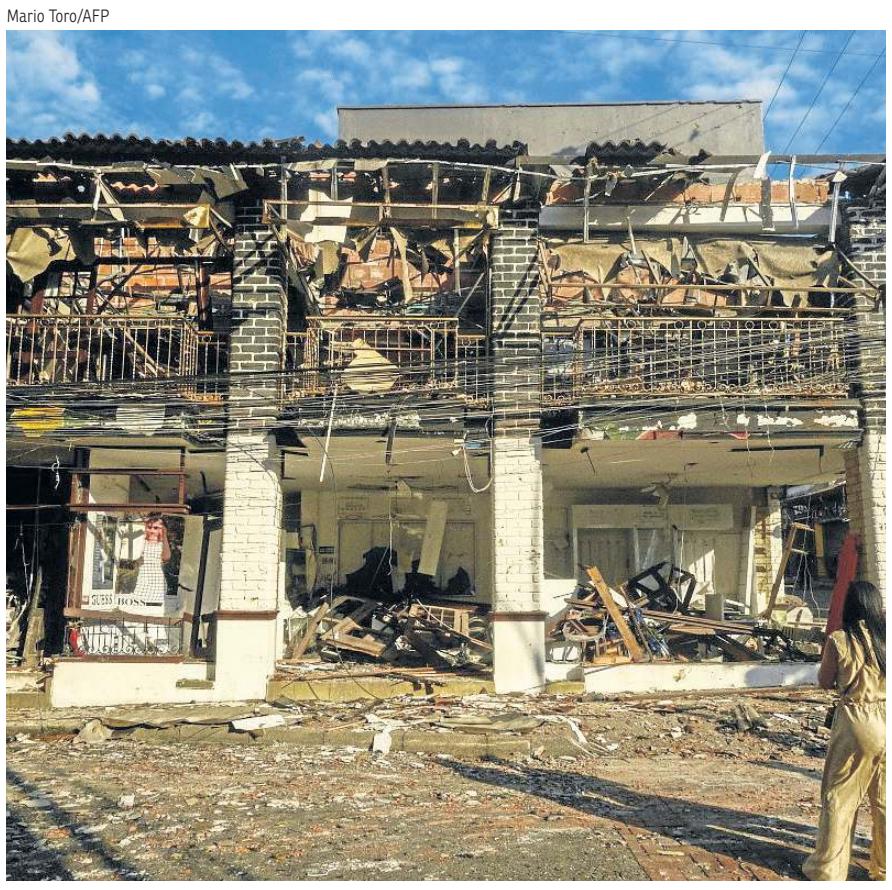
Após o vácuo de poder deixado pelas Farc, guerrilheiros dissidentes e organizações criminosas alimentam a pior onda de violência desde a assinatura do acordo, com atentados, sequestros e assassinatos. O ataque a Villavicencio foi o segundo atentado em 24 horas no país, que segue identificado como o maior produtor de cocaína do mundo. Antes, um atentado atingiu a cidade de Cúcuta, outra capital departamental, na fronteira com a Venezuela.

A explosão em Villavicencio aconteceu pouco depois das 21h de segunda-feira (23h em Brasília), no centro da cidade. O incidente abriu uma grande cratera na via, espalhou cacos de vidro e escombros pelas ruas vizinhas e provocou cenas de caos e cortes de energia, constataram jornalistas da agência de notícias France-Presse (AFP).

Os moradores de Villavicencio amanheceram ontem entre os escombros de dezenas de edifícios. "Estamos consternados, porque houve uma perda total", disse à AFP Isabel Pavón, comerciante afetada. Johan Pérez, proprietário de uma loja de chapéus, estava atordoado com a explosão na praça principal de Villavicencio. Em seu estabelecimento, "as portas ficaram amassadas, os vidros estilhaçados e algumas vitrines internas, quebradas", disse, com a voz embargada. "Estamos vivos por milagre."

No poder desde 7 de agosto, De la Espriella conduz uma ofensiva militar, apoiada pelos Estados Unidos, contra grupos armados e narcotraficantes. "Vamos enfrentar o narcoterrorismo com determinação e vamos conseguir tranquilidade e paz para nossos cidadãos", prometeu o presidente em Villavicencio, onde comandará uma reunião do conselho de segurança.

Mario Toro/AFP



Cena de destruição em Villavicencio, a leste de Bogotá: violência política persiste

"Falsa paz"

O ataque ocorreu poucas horas antes do 10º aniversário da assinatura do acordo de paz entre o Estado colombiano e as Farc, que levou a então guerrilha mais poderosa do continente a depor as armas. Desde o surgimento da organização, em 1964, o Estado colombiano contabiliza mais de 260 mil mortes, embora a Comissão da Verdade, criada após o acordo, mencione 450 mil.

Minutos antes da explosão, e em meio a uma onda de violência, De la Espriella criticou duramente o "custo" do processo de paz firmado em 24 de novembro de 2016, que chamou de "porcaria" e "falsa paz". "A paz se mede em resultados, não em discursos nem em burocracia", escreveu, na rede social X.

Na área afetada, operam rebeldes que seguem as ordens de Mordisco e disputam com outros grupos as receitas da mineração ilegal e do narcotráfico. "Insistimos na necessidade de unir o país para recuperar o controle do território e garantir a segurança", escreveu, também no X, o ex-presidente Juan Manuel Santos, que assinou o acordo com as Farc, em 2016. "Reiteramos que a implementação (do texto) contribuiria para esse fim."

Mais cedo, um ataque com drones em Cúcuta, na fronteira com a Venezuela, deixou três feridos, incluindo um menor de idade. Mais de 80 residências sofreram danos, segundo o governo regional. Entre janeiro e novembro deste ano, foram registrados no país 358 ataques com drones carregados de explosivos, usados habitualmente por organizações criminosas contra as forças de segurança e civis, segundo documento do Ministério da Defesa.